

LOSURDO, Domenico.
Imperialismo e questão europeia.
 São Paulo: Boitempo, 2023.
 263 p.



A arte de isolar o inimigo principal

The art of isolating the main enemy

marcelo pereira fernandes*

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2024.169.014>

Muito bem-vinda a publicação de mais uma obra do filósofo italiano Domenico Losurdo (1941-2018) pela editora Boitempo. O livro traz uma coletânea de artigos — 11 ao todo — publicados entre os anos de 1979 e 2017, além de uma introdução e um apêndice, escritos pelo organizador da obra, Emiliano Alessandrini, e um posfácio, de Stefano Azzarà. Como o leitor poderá conferir, a crítica impiedosa de Losurdo vai da esquerda à direita do espectro político, sem poupar ninguém.

O fio condutor da obra é mostrar que atualmente o imperialismo seria, sobretudo, estadunidense. Os Estados Unidos seriam o centro incontestado da dominação imperialista e o principal inimigo dos povos. Logo no capítulo 1, texto de 1979, “Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo: os Estados Unidos, a Europa e a China”, Losurdo apresenta a sua proposta mais importante: é preciso isolar o inimigo principal. E, como ficará claro no restante do livro, o inimigo principal a ser combatido é o imperialismo estadunidense. No capítulo seguinte, “A ideologia de guerra e o mito do *translatio imperii* da Europa para os Estados Unidos”,

Losurdo busca demonstrar que, apesar de todas as contradições que povoam a União Europeia, ela pode se tornar um freio contra as aspirações de domínio de Washington. Em 1916, o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, culpava toda a Europa pela Primeira Guerra Mundial. Porém, conforme avançava a intervenção estadunidense a favor da Entente, os alemães passaram a ser acusados de bárbaros e selvagens que estariam abaixo “dos peles-vermelhas da América e das tribos negras da África” (Losurdo, 2022, p. 36). Do lado europeu, da Alemanha em particular, o desprezo pelos Estados Unidos seria semelhante. Porém, após duas guerras mundiais e o começo da Guerra Fria, a Europa Ocidental foi subjugada pelos Estados Unidos.

No terceiro capítulo, “Marxismo ou populismo”, Losurdo faz uma crítica dura ao que denomina de populismo. Ele questiona se as mudanças ocorridas no capitalismo mundial na chamada “globalização” são tão profundas que tornariam Marx obsoleto, como supõem os populistas. O autor lembra que a história do capitalismo, conforme analisado por Marx, seria a história da constituição do mercado mundial. A força que impulsiona o comércio em todo o mundo também levaria à destruição das formas tradicionais de civilização, com todas as consequências negativas (Losurdo, 2022, p. 44). Em razão das características pouco idílicas da “globalização”, “abre-se um grande espaço para o arrependimento nostálgico do mundo antigo e sua transfiguração”, diz Losurdo (2022, p. 44).

O marxismo e o leninismo teriam se desenvolvido no sentido da luta contra o populismo, mas hoje o ideário populista estaria sendo revivido, por exemplo, na exaltação da sociedade tibetana em contraposição ao desenvolvimento econômico chinês. O populismo seria hostil à China devido ao rápido crescimento econômico do país. Não importa se esse crescimento é fundamental para romper o embargo tecnológico promovido pelos Estados Unidos e para melhorar as condições sociais da população chinesa (Losurdo, 2022, p. 46). O problema para os populistas é que, com isso, supostamente triunfariam os valores negativos do “Ocidente materialista”, afirma Losurdo (2022, p. 47). Mencionando Deng Xiaoping, Losurdo lembra que socialismo e miséria são inconciliáveis, e que Marx e Engels, já no *Manifesto do Partido Comunista*, sublinhavam que o proletariado, ao controlar os meios de produção, busca desenvolver o mais rápido possível as forças produtivas.

O populista tenderia a enxergar a humanidade entre pobres e ricos ou proprietários e não proprietários. Daí que um populista como Pierre-Joseph Proudhon via o nascente movimento feminista como uma “pornocracia”, ou as aspirações de independência dos povos oprimidos como uma querela obscurantista merecedora de troca. Esse seria o mesmo sentimento que o filósofo italiano Toni Negri dispensou aos povos que lutam por sua independência: “últimos chauvinistas da nacionalidade” (Losurdo, 2022, p. 48). No plano internacional, os populistas perceberiam apenas a contradição entre os países centrais e os do Terceiro Mundo. A questão é que os países centrais não podem ser considerados de forma homogênea.

Citando os Estados Unidos, Japão, Rússia, França, Alemanha e a União Europeia em sua totalidade, Losurdo destaca que, embora sejam países capitalistas, não podem ser postos em pé de igualdade. Isso seria um erro e uma falta de compreensão que o movimento comunista precisa evitar. Num caso exemplar, que ajuda a explicar a atual guerra da Ucrânia, o autor lembra que a Rússia, “cada vez mais pressionada pela expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) para o leste, deve enfrentar pressões separatistas e secessionistas, muitas vezes alimentadas de fora e que, não surpreendentemente, ocorrem

Mencionando Deng Xiaoping, Losurdo lembra que socialismo e miséria são inconciliáveis, e que Marx e Engels, já no *Manifesto do Partido Comunista*, sublinhavam que o proletariado, ao controlar os meios de produção, busca desenvolver o mais rápido possível as forças produtivas

ao longo das rotas estratégicas do petróleo” (Losurdo, 2022, p. 50). A mensagem de Losurdo é que mesmo aqueles países com tradição imperialista não podem ser considerados como se estivessem no mesmo nível. Muito acima de todos os outros países estariam os Estados Unidos, que, lembrando as palavras de Lênin na Primeira Guerra Mundial, alcançaram uma “vitória napoleônica” em 1991, com o fim da Guerra Fria.

Essa tendência de enxergar o mundo dividido entre ricos opressores e pobres oprimidos, sem maiores contradições, seria uma característica central do populismo. A justiça, sob este esse ponto de vista, seria um atributo exclusivo dos pobres. Nesse caso, Marx e Engels não teriam espaço. Aliás, eles mesmos vindo de famílias mais abastadas, chamavam a atenção para a posição contrarrevolucionária do lumpemproletariado. O retorno do populismo estaria, conforme Losurdo, em movimentos como o do “povo de Seattle”, em que partidos comunistas já não são bem-vindos. Pois estes, na versão populista, seriam dominados por burocratas que sempre acabam traindo ou abandonando as massas oprimidas, as únicas que verdadeiramente querem alcançar o reino da justiça social.

No quarto capítulo, “Existe um imperialismo europeu hoje?”, escrito em 2004, Losurdo examina a principal questão da obra, isto é, a tese de que o imperialismo estadunidense é o “inimigo principal”, e contra ele a esquerda precisa apontar suas baterias. Primeiramente, o “cancelamento da categoria de imperialismo”, justificado também pelos populistas, “corresponde à renovada transfiguração das guerras coloniais” (Losurdo, 2022, p. 60). Assim, para o filósofo Michael Hardt, a agressão da Otan contra a Iugoslávia não passou de uma operação supranacional para proteger os direitos humanos. Na realidade, ao contrário do que imagina Hardt, entre outros, o fim da Guerra Fria não abriu caminho para a paz perpétua, mesmo a paz dos poderosos, mas sim para o agravamento da situação internacional e o aumento das guerras.

Imperialismo é uma categoria inevitável para entender o sistema internacional que emergiu com o fim da Guerra Fria. Mas quais países deveríamos chamar de imperialistas?

Losurdo explica que considerações que medem somente o PIB ou o PIB *per capita*, excluindo a política e a ideologia, trazem consequências paradoxais. Referindo-se ao Brasil durante o período dos governos Lula (2003-2010), o autor lembra que o país, “em sua tentativa de escapar do abraço neocolonialista da Alca e dar impulso ao desenvolvimento de uma economia nacional autônoma” (Losurdo, 2022, p. 62), considerando-se exclusivamente o PIB, também passaria a ser considerado imperialista. Logo, seguindo-se esse raciocínio, só haveria duas alternativas aos países mais importantes do Terceiro Mundo: permanecerem semicolônias ou se tornarem potências imperialistas.

Ainda no quarto capítulo, Losurdo faz um questionamento fundamental: um partido comunista que chega ao poder num país semicolonial e atrasado deve primeiramente fazer a redistribuição dos “escassos recursos disponíveis” ou deve priorizar o desenvolvimento das forças produtivas? Este último, lembra corretamente o autor, seria condição “para a defesa da independência nacional” (Losurdo, 2022, p. 63). É evidentemente o caso da China, pelo menos desde o começo das reformas em 1978, que ainda luta para manter sua integridade territorial sob uma guerra econômica acirrada cada vez mais pelo imperialismo estadunidense (Losurdo, 2022, p. 64). Por isso, afirma Losurdo, “mesmo [em se] partindo do pressuposto (arbitrário) da restauração do capitalismo na China, suas contradições com os Estados Unidos não poderiam ser definidas como competição entre ‘polos imperialistas’” (Losurdo, 2022, p. 65).

É preciso ter em conta as transformações nas relações entre as grandes potências capitalistas. Assim, quando se faz referência à União Europeia e aos Estados Unidos como dois polos imperialistas, Losurdo chama a atenção, em primeiro lugar, para o fato de que a União Europeia não é um Estado, e por isso a comparação não faria sentido. Em segundo lugar, a distância de poder econômico e político entre os Estados Unidos e os países que compõem a União Europeia ainda seria muito grande, a ponto de Washington poder pressionar seus aliados europeus para destinarem mais recursos ao orçamento militar, sob a ameaça de não participarem de expedições punitivas em outros países sob a liderança estadunidense. Os Estados Unidos têm poder naval e o controle de áreas ricas em gás natural e petróleo, cujo fornecimento pode ser cortado de possíveis inimigos. Nesse sentido, o Japão estaria numa posição ainda mais fraca que a Europa. Em suma, é evidente, na visão de Losurdo, que Washington vem construindo um império planetário, sem admitir concorrentes. Isso somente é possível por sua enorme vantagem militar sobre as demais potências.

No entanto, isso não levaria ao desaparecimento do imperialismo. As ações estadunidenses permanecem ameaçando a integridade territorial dos países, sendo a China e a Rússia os alvos preferenciais. E mesmo a relação dos países capitalistas mais avançados com os Estados Unidos só de forma parcial poderia ser descrita como competição interimperialista. Losurdo cita o exemplo da Itália, lembrando que os Estados Unidos poderiam subjugar-la por meio de bases militares “afastadas da sua jurisdição originária” (Losurdo, 2022, p. 69).

No plano ideológico, os Estados Unidos também levariam grande vantagem, mais até que no plano militar. Os movimentos separatistas que se manifestam na Europa, às vezes desembocando na luta armada, são enquadrados como terroristas ou de libertação nacional, segundo a definição que mais convenha a Washington. São esses aspectos que levam Losurdo a questionar se existiria um imperialismo europeu em ascensão a desafiar o imperialismo estadunidense.

No capítulo 5, escrito em 2007, “O império americano e a Europa”, Losurdo trata especificamente do “antiamericanismo”, acusação que, segundo a elite dos Estados Unidos,

Citando os Estados Unidos, Japão, Rússia, França, Alemanha e a União Europeia em sua totalidade, Losurdo destaca que, embora sejam países capitalistas, não podem ser postos em pé de igualdade. Isso seria um erro e uma falta de compreensão que o movimento comunista precisa evitar. Num caso exemplar, que ajuda a explicar a atual guerra da Ucrânia, o autor lembra que a Rússia, “cada vez mais pressionada pela expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) para o leste, deve enfrentar pressões separatistas e secessionistas, muitas vezes alimentadas de fora e que, não surpreendentemente, ocorrem ao longo das rotas estratégicas do petróleo”

uniria correntes de esquerda e de direita e, não raro, também as vinculadas ao antissemitismo. Ele destaca que qualquer crítica à política de Washington é considerada expressão do antiamericanismo e da rejeição à democracia, assim como críticas a Israel são consideradas antissemitas. Aí Losurdo recorda o “genuíno americanismo de Henry Ford” e sua explícita simpatia pelo grupo supremacista branco Ku Klux Klan.

O capítulo 6, “O inimigo principal está em seu próprio continente?”, e o capítulo 7, “O que significa ser anti-imperialista hoje?”, são a transcrição de duas intervenções de Losurdo. A primeira em 2009, e a segunda em 2016. Nas duas ocasiões, o autor afirma que, embora a Otan e a União Europeia sejam ambas projetos imperialistas, existem diferenças importantes entre elas. Sem o imperialismo estadunidense não seria concebível falar em embargo contra Cuba ou sobre a tragédia em Gaza. Na realidade, os Estados Unidos seriam a única entre as potências que teria seu comportamento imperialista glorificado. Ademais, é importante lembrar que são os Estados Unidos que infestam a Europa de bases militares, e não o contrário. Daí a ameaça constante à Rússia, que, com Putin, se nega a fazer o papel de semicolônia.

O capítulo 8, “O ideal de ‘paz perpétua’ entre a Europa e os Estados Unidos”, escrito em 2016, trata do “destino manifesto”, crença que acompanha a elite estadunidense praticamente desde a independência do país. Foi assim que a Otan bombardeou a Iugoslávia no fim

dos anos 1990, sem a autorização do Conselho de Segurança da ONU. Losurdo recorda que a guerra possibilitou aos Estados Unidos levantarem a base militar de Camp Bondsteel, em Kosovo, a maior base fora do território estadunidense. Essa ação militar permitiu a Washington ter um controle ainda maior sobre a Europa, sendo comemorada pelo filósofo de extrema esquerda Michael Hardt como uma ação que visaria proteger os direitos humanos (Losurdo, 2022, p. 114). A função de “xerife internacional” que Washington se atribui e é aplaudida até por alguns intelectuais de esquerda está em contradição com a ordem internacional erigida após a Segunda Guerra Mundial, a qual assegura o direito à soberania nacional. Para o onipotente “xerife internacional”, não há fronteiras nacionais a serem respeitadas, já que a causa dos Estados Unidos se confunde com os anseios de todo o planeta. A abordagem legalista do direito internacional deve ser preterida em razão de um bem maior, portanto. Ademais, a maior potência militar do planeta não vacila em se apresentar como a “nação escolhida” por Deus. Assim, diz Losurdo, “os Estados Unidos, como qualquer império que se preze, tendem a estender sua jurisdição muito além das fronteiras nacionais” (Losurdo, 2022, p. 137).

No capítulo 9, “A Nova Rota da Seda e o diálogo entre civilizações”, apresentado em 2017 em um fórum sobre China e União Europeia, Losurdo se debruça sobre a iniciativa chinesa “One belt one road”. O autor começa lembrando que a iniciativa “foi comparada a uma espécie de Plano Marshall com características chinesas” (Losurdo, 2022, p. 143). Na visão de Losurdo, a comparação seria absolutamente equivocada. Isso porque o Plano Marshall tinha o objetivo claro de fazer chantagem ao bloco socialista que estava se formando: para obter financiamento e tecnologia para reerguer suas indústrias, os países de orientação socialista deveriam se integrar de forma subordinada ao sistema capitalista. A Nova Rota da Seda visaria ao desenvolvimento econômico do Terceiro Mundo, em diálogo com diferentes culturas, enquanto o Plano Marshall marcou o começo da Guerra Fria. A questão, novamente, é que não se podem pôr na mesma posição as potências coloniais e os países agredidos ou ameaçados de agressão pelo imperialismo. O autor mostra que não haveria condições de o Ocidente apresentar superioridade moral perante o resto do mundo. Cita, por exemplo, a ameaça do general estadunidense MacArthur de lançar até 50 bombas atômicas nas cidades chinesas (Losurdo, 2022, p. 150). Ou as unidades da Otan que serviram na prática como pelotão de fuzilamento contra Saddam Hussein no Iraque e Muammar Gaddafi na Líbia. O assassinato de Gaddafi ainda foi alvo de comemoração cínica de Hillary Clinton. Na realidade, os estadunidenses acreditam que seus valores são os valores universais. Mais do que isso: os interesses econômicos estadunidenses estariam em harmonia com os valores universais. Uma harmonia de interesses milagrosa, afirma Losurdo.

Por fim, nos capítulos 10, “Por que o imperialismo dos Estados Unidos é de longe o inimigo principal?” e 11, “Pode um Estado colonialista ou imperialista constituir um baluarte da democracia”, escritos em 2014 e 2017, respectivamente, Losurdo discorre sobre o papel que os Estados Unidos exercem sobre os povos em todo o mundo, mesmo aqueles que pertencem ao clube dos países mais desenvolvidos. No plano externo, o presidente dos Estados Unidos, seja ele democrata ou republicano, agiria como um “monarca absoluto”. O presidente estadunidense tem o poder de definir onde e quando começará uma guerra, sem precisar pedir licença ao Conselho de Segurança da ONU. Isso só é possível graças ao seu poder avassalador no campo militar, que permite a Washington dizer até onde vai a liberdade de expressão e quem pode exercê-la. Assim, na visão do autor, não se pode alcançar a democracia nas relações internacionais, visto que os Estados Unidos exercem uma força



Domenico
Losurdo
(1941-2018)

imperial calcada na crença em seu “excepcionalismo” (Losurdo, 2022, p. 171). O caso de Cuba é exemplar:

Ao decretar e prolongar o embargo contra Cuba, o Congresso dos Estados Unidos não só não dá atenção à votação da Assembleia Geral da ONU, que há anos reivindica quase por unanimidade o cancelamento dessa medida, como também aprova legislação que pretende atingir terceiros países “culpados” de violar o embargo (Losurdo, 2022, p. 172).

Losurdo não nega que a maioria dos países que compõem a União Europeia são imperialistas. O que o incomoda é a tentativa de situar a União Europeia e os Estados Unidos no mesmo patamar quanto às práticas imperialistas. Primeiro, porque a União Europeia é um conjunto de Estados bastante heterogêneos, e, segundo, porque os Estados Unidos estão muito à frente de todos os países da Europa, além do Japão, em relação ao poderio militar. De fato, há diversas bases militares estadunidenses espalhadas pelo continente europeu, além da presença atroz da Otan, que se amplia — após o fim da Guerra Fria, a Rússia foi cercada por 14 novos membros — e guerreira sob o comando Washington.

À luz da obra, é útil destacar alguns pontos sobre a atual estrutura do sistema internacional no qual os Estados Unidos, como corretamente avalia Losurdo, são a principal potência dominante. Autores como Hardt e Negri (2001) avaliam que a categoria imperialismo está ultrapassada e que vivemos a era do “Império” — um poder global e acima das nações —, pois nenhum país conseguiria ocupar o papel de liderança que as nações europeias ocuparam no passado. Moniz Bandeira (2006) afirma que a história deu razão a Karl Kautsky por ter ele previsto que o capitalismo alcançaria um nível de desenvolvimento e organização que atenuaria suas contradições, levando à renúncia da corrida armamentista. Esse cartel das grandes potências foi denominado por Kautsky de ultraimperialismo. Curiosamente,

Kautsky havia defendido em 1912 a criação dos “Estados Unidos da Europa” como forma de administrar os conflitos econômicos e de fazer a defesa do desarmamento. Panitch e Gindin (2012) também questionam a funcionalidade da categoria imperialismo, afirmando que os Estados Unidos assumiram as responsabilidades de realização e gestão do capitalismo global. Por isso, a burguesia e os Estados europeus não teriam qualquer interesse em desafiar o imperialismo estadunidense, pois, afinal, ele serviria aos interesses de uma classe capitalista global. Já não haveria mais rivalidades interimperialistas, portanto.

Losurdo não está próximo a nenhum desses autores. Obviamente que o sistema internacional se modificou em relação àquele analisado por Lênin nos anos 1910. A Primeira Guerra ocorreu quando a correlação de forças se alterou a favor da potência emergente (Alemanha), em detrimento da potência hegemônica (Inglaterra) naquele momento. Já o mundo que emergiu nos anos 1990 fez com que a correlação de forças se apresentasse ainda mais favorável para a potência dominante, os Estados Unidos. Mas isso não significa que a categoria imperialismo está obsoleta. Losurdo vai justamente na direção oposta, indicando que há uma redescoberta de Lênin. Não ocorreu uma “paz perpétua” ou um “império” supranacional com o fim da Guerra Fria, como sugerem Hardt e Negri, nem as despesas militares foram reduzidas, como Kautsky acreditava que sucederia, ou uma prosperidade e estabilidade econômica, conforme sonhavam os ideólogos da “globalização”. Ao contrário, assistiu-se a uma série de guerras e ao avanço da Otan em direção ao leste, tomando conta das antigas áreas de influência soviética, resultando disso, em fevereiro de 2022, o conflito com a Ucrânia. Aumentou a instabilidade econômica, como demonstram as diversas crises financeiras dos anos 1990 e 2000, até que o mundo assistiu, em 2008-2009, à pior crise econômica da história.

O sistema internacional é um sistema assimétrico, com diferenças marcantes entre os Estados, inclusive entre aqueles principais que compõem a União Europeia. Tais Estados estão ligados por diversos tratados, a maioria está na Zona do Euro e participa da Otan. A extensão de bases militares dos Estados Unidos pelo Leste Europeu ocorreu sem reação das instituições europeias. As bases militares na Romênia, que atualmente contam com milhares de soldados estadunidenses, franceses, holandeses, alemães etc., vêm servindo para manter a Rússia sob ameaça, dificultando o estabelecimento de um acordo para acabar com a guerra da Ucrânia. Tudo isso é surpreendente, porque os impactos econômicos negativos da guerra nos principais Estados europeus são visíveis, com todos os efeitos deletérios sobre as condições de vida dos trabalhadores. Talvez por essa razão a busca frenética de Washington por empurrar o Ocidente para uma guerra econômica com a China tem encontrado maior resistência. Aqui a ideia é barrar o desenvolvimento econômico da China, não apenas com sanções comerciais, mas com a própria Otan, como evidencia a tentativa de expandir a organização na região do Indo-Pacífico. Com a desfaçatez de quem serve ao imperialismo, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, alertou que a China é uma “potência cada vez mais autoritária”, que pode ameaçar Taiwan e os países que formam a Otan (Poole, 2023). Por certo, a “hegemonia benigna” estadunidense que ajudou a reconstruir a Europa e o Japão no pós-Segunda Guerra está morta e enterrada.

Os Estados Unidos mantêm sua posição dominante no sistema, mas a manutenção dessa posição está ligada cada vez mais a conflitos de toda espécie. Por isso, a questão nacional precisa estar no centro da estratégia para enfraquecer o imperialismo estadunidense, logo, de uma estratégia revolucionária de longo prazo que conceda aos povos aquilo que

Roosevelt afirmava como um dos direitos fundamentais: a liberdade de não sentir medo. Nesse sentido, questionar o imperialismo estadunidense é também questionar o capitalismo enquanto sistema internacional, pois é ele que, em última instância, ameaça a sociedade.

* Professor associado III da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e docente do Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Desenvolvimento (PPGER) da UFRRJ e do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional (Pepi) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Grupo de Pesquisa Padrões Históricos do Desenvolvimento Econômico da América do Sul. Desenvolve um projeto de extensão com publicações periódicas: o boletim mensal *Conexão Sino-Latina*. Presidente do Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro (Corecon-RJ).
E-mail: mapefern@gmail.com

► Texto recebido em 20 de junho de 2023; aprovado em 21 de junho de 2023.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOSURDO, Domenico. **Imperialismo e questão europeia**. São Paulo: Boitempo, 2023.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Formação do império americano**: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PANITCH, Leo; GINDIN, Sam. **The making of global capitalism**: the political economy of American empire. London: Verso, 2012.

POOLE, Emma. NATO chief "more than ready" to strengthen partnerships in Indo-Pacific. **US Today News**, February 1, 2023. Disponível em: <<https://ustoday.news/nato-chief-more-than-ready-to-strengthen-partnerships-in-indo-pacific>>. Acesso em: 10 jun. 2023.